

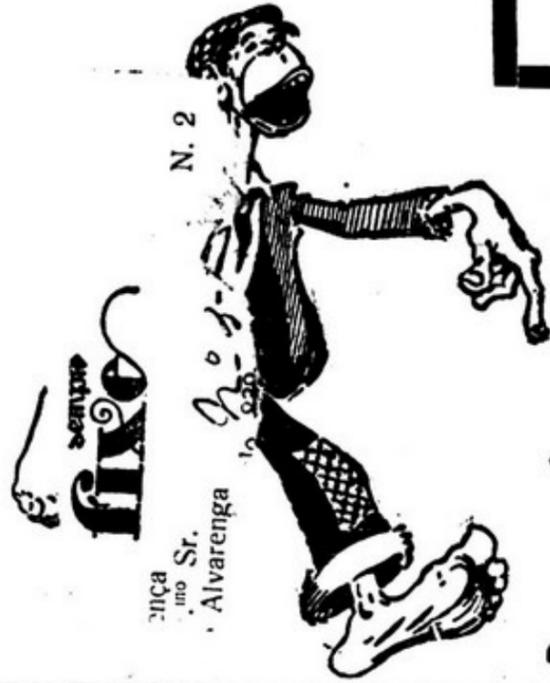
QUINTA-FEIRA
Lisboa--30 de Agosto--1928

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

119



sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A compressão das despesas

(A proposito da falada supressão dos telefones ao funcionalismo superior)



— Venho retirar o telefone.
— Retirar?! Mas isso vai fazer muita falta ao meu patrão! Como ha-de ele teletonar para a repartição, a dizer que não vai lá?



Os ditos da semana



O diabo á solta Na semana passada andou o diabo á solta. Por mais estranho que pareça, o diabo, que é senhor e é rei, só tem um dia em todo o ano para andar á solta. Foi na sexta-feira passada.

O diabo também é escravo do calendario, como aquelas pessoas que estão obrigatoriamente alegres nos dias de carnaval, porque a folhinha assim determina, como se fossem subditos do Borda d'Água.

A muitos dos nossos leitores que não costumam andar em dia com estas coisas, ha-de parecer que o *Sempre Fixe* inventa estas facecias. Todavia não ha nada mais exacto.

O diabo andou real e efectivamente á solta, mas a gente é que já não dá por isso.

Acostumamo-nos de tal forma a sofrer-lhe as diabruras, que até o diabo se nos tornou indiferente.

Vimo-lo, no Estoril, sob a forma dum fantasma, na companhia das aguas, distarçado em director, na nossa rua a fingir de mercieiro e ha quem o veja, ao dar da meia noite, transformado num cão preto que arrasta correntes e uiva desabaladamente. E, para cumulo, ainda ha quem o veja todos os dias e todo o dia de baixo da forma de uma sogra com cabelinho na venta.

Assim nos familiarisamos com um patife que só nos quer a alma para fazer torresmos no caldeirão negro. A gente conhece-lhe as mazelas, sabe-lhe as manchas todas, mas transige com ele. Mal de nós se tivéssemos de cortar relações com todos os canalhas que nos estendem a mão, mesmo porque, se o fizéssemos, então teriamos o diabo a quatro, o que era bem peor.

E, no final de contas, a gente sempre sentiu uma certa alegria quando soube que o diabo andava cá por fóra.

Co'os diabos, sempre era um diabo que andava á solta.

geminacões, chegou a uma conclusão:

Mr. Forestier não tinha razão. O seu projecto não prestava, nem podia executar-se. A Camara é que sabia como Lisboa ha-de transformar-se numa cidade catita. Deitou fóra o projecto Forestier e vai obrar pela sua cabeça.

Isto que aconteceu a mr. Forestier também já nos aconteceu a nós.

Um dia perguntou-nos uma velha na rua Gomes Freire:

— Faz favor de-me dizer se passam por aqui os carros de Belem.

— Não, minha senhora, não passam.

— Ai, passam, passam, disse

a velha toda rebiteza. Eu sei muito bem que passam.

— Pois então, dissemos nós, vá esperando por ele. Mas, já agora, diga-me uma coisa: Para que perguntou.

— Ora, diz ela, perguntei por perguntar.

A velha ainda lá deve estar á espera do carro de Belem.

E levantou-se mr. Forestier tantas vezes á meia noite, para trabalhar no projecto...

O leite O governo acabou com a falsificação do leite. As vacas serão vacinadas e terão de apresentar fo-

lha *corrida*, para a gente saber com quem lida. O seu leite, depois de tantas e tão sabias medidas, será fatalmente bom. Que nunca as tetas lhes doam.

Olhar Os homens olham para as mulheres. As mulheres olham para as mulheres. O homem olha para a mulher porque a cubiça. A mulher olha para a mulher porque a inveja. Quanto melhor ela fór, melhor para o homem, mas a mulher deseja absolutamente o contrario. Uma mulher póde perdoar a outra que lhe roube o marido, mas não lhe perdõa que mande fazer um vestido mais chic do que o dela.

Duas mulheres que se cruzam na rua, olham uma para outra como se olham dois cães deante do mesmo osso. Não rosnam, mas os seus olhos dispodem raios que eram capazes de derreter uma barra de chumbo.

Quando uma mulher avista na rua outra mulher, vê-lhe primeiro o vestido, os sapatos, as meias, as joias e as alças da camisa e da combinação do que a cór da cara e dos cabelos. Se passarem rapidamente uma pela outra serão capazes de descrever, nas mais insignificantes minucias toda a indumentaria, mas não saberão muitas vezes dizer se passaram por uma branca ou por uma preta.

Depois dos vestidos a mulher olha de preferencia para as pernas da sua semelhante, medea de alto a baixo, como se fosse um homem.

Se são da mesma cla se limitam-se a sorrir desdenhosamente, para darem aos circunstantes a impressão de que cada uma se julgr superior á outra.

Uma varina ou uma regateira não se limita a sorrir. Larga duas piadas ao chapelinho e a falta de vergonha que permite que uma mulher ande com as pernas á vela.

Mas varina que um dia chega a nova rica e arma em senhora, passa a uzar o mesmo chapelinho, apenas com a differença de ser mais ridiculo, e corta as saias por cima do umbigo para mostrar que também é fina e sabe dar a nota.

E os olhos que na vespera viam o chapelinho da outra já não veem o mesmo estado de nudez e de ridiculo em que se apresenta.

Os olhos olham mas só veem o que o cerebro quer que eles vejam.

Ruy Santos

Agente Geral dos «Etablissements Vercasson»



Encantado com as *affiches*, fixes de Jean d'Ylen, o *Sempre Fixe* fixa o nome do artista, e afixa nas suas colunas a simpatica figura de Ruy Santos, doutor em publicidade. Os nossos comerciantes que recorram á sua sciencia... réclamativa, e os males de que se queixam desaparecerão imediatamente!

Perguntar por perguntar

A Camara Municipal mandou vir mr. Forestier até Lisboa e encarregou-o de elaborar um projecto de embelezamento da cidade, porque ela não sabia o que havia de fazer.

Mr. Forestier traçou um plano, admiravel por sinal e foi-se embora

A Camara, meteu o indicador no nariz e desatou a lucubrar. Ao fim de largas con-

LISBOA DAQUI A 50 ANOS

Revelações futuristas dumã carta de 1973

Conseguimos haver à mão, por inconfidência, o seguinte artigo, que damos sem assinatura, datado, futuristicamente, de 1973:

«Chegou a Lisboa o nosso amigo Mr. A. de G. e A., agente geral do cartela jornalístico das republicas francesa e italiana, vindo de Londres, de onde partiu há pouco mais de hora e meia, no transatlântico *Lloyd George*, de 4.000 H. P., da Sociedade Aerea Internacional, que conduz 224 passageiros, como se vê no anúncio do *Diário de Lisboa*, paginas 64, da 5.ª edição de ontem.

Mr. A. de G. e A., francês de nascimento e neto de um diplomata que ha quasi meio seculo esteve acreditado em Lisboa (1928), já conhece a cidade do Tejo. Esteve aqui quando da assinatura do tratado de paz nesta capital neutral, depois da guerra entre as cinco triple-alianças europeias, por motivo do rompimento do pacto de Kellogg, de boa memoria.

Mr. A. de G. hospedou-se no Grande Hotel de Portugal, no parque Gago Coutinho, onde foi antigamente a acabada Avenida da Liberdade dos românticos de 1930. O Grande Hotel Europa, o Palace Splendid Hotel — não tem quartos vagos.

Fizemos com o nosso illustre amigo um curto passeio de meia duzia de horas. Almoçámos no Restaurante Elefante de Ouro, mostrámos-lhe os locais onde ha meio seculo existiam a *Brasileira* do Chiado, o Martinho, o Suisso, o Gelo e os cinemas, que foi uma coisa que houve tambem em Portugal e de que ainda vagamente nos lembramos, pela memoria fiel que nos ficou de creanças.

Tomámos um dos nossos automoveis do jornal e, em 12 minutos, levámos-lo a Sintra. Estradas pessimas, com o cristal dos pavimentos quebrado aqui e ali, mas enfim — passáveis. No Hotel Byron encontrámos o ultimo fidalgo de Sintra aristocrati-

ca, o conde de X..., envelhecido, figura simpatica de uma desaparecida nobresa, que constitue o ultimo representante de Portugal que tem escudo na Sala das Pegas.

Sintra, tal qual em 1925, com os mesmos electricos e as mesmas intrigas locais, é uma curiosidade como ha 50 anos era a Alfama em Lisboa. O antigo Casino caiu, como se sabe, em 1938, por abandono.

Mr. A. de G. apreciou muito o respeito que nós mantemos por esta vila, que parece a Via Apia antiga.

Ao Estoril foram 7 minutos. O Parque Fausto de Figueiredo — grande nome de homem que hoje, com 90 e tal anos, ainda dirige a Lisboa-Polo Norte — Internacional — Expresso, do velho Sindicato C. P. — acaba de receber uma excursão de 11.000 americanos, que vieram a Lisboa de proposito para jogar o «monte» — jogo proibido ha meio seculo.

Passámos a Belem e admirámos, no Mosteiro, os tumulos nacionais de Julio Dantas, morto o ano passado num duelo, e de José de Figueiredo, cujo epitafio do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, venerando camonista, tão adequado fica ao defensor sincero do antiga interpretação dos Paineis, que ontem o *Diário de Noticias* enfim anunciava como definitivamente resolvida a favor de Santo Antonio.

Para voltarmos ao coração de Lisboa, atravessámos as grandes avenidas da Junqueira, deixámos o Parque de Aviação n.º 7, despezámos na velocidade do automovel os esplendidos edificios das fabricas de ferro e aço, os estaleiros dos transatlânticos da Companhia Portuguesa de Navegação para o Brasil e chegámos ao taboleiro inferior da velha ponte sobre o Tejo, que — diga-se de passagem — está a precisar uma victoria. Admirámos de longe a cidade industrial de Cacilhas, no formigueiro dos seus 45.000 operarios.

Na Baixa pombalina, mostrámos o local onde foi a antiga rua dos Capelistas — hoje Avenida Ray Ulrich —, dirigimo-nos ao sitio onde está a primeira pedra do monumento a Antonio Maria da Silva, e, naturalmente, fomos ao Banco de Portugal, mostrar ao nosso viajante o que é hoje esta instituição bancaria, sorrindo-nos do tempo em que uma libra inglesa valia 100 escudos papel, agora que são necessarias duas esterlinas para comprar a nossa libra «caravela».

A Academia dos Jornalistas, o Casino das Belas-Artes, o Teatro Nacional «Ramada-Curtos», o Teatro da Comedia «Nascimento Fernandes», os oito Hospitais Centrais, o sitio onde foi a Companhia das Aguas e onde recebeu o suplicio da sede, em 1929, um tal Carlos Pereira — tudo mostrámos ao nosso visitante illustre.

No antigo Terreiro do Paço — hoje arquivo geral da administração publica do periodo da regeneração nacional — indicámos onde funcionava ha meio seculo aquela instituição chamada dos Ministerios.

Explicámos a Mr. A. de G. que o actual Governo, que se compõe de quatro ministros unicamente — Paz, Respeito, Trabalho, Tolerancia — vai fazer 19 anos no poder; informámos que o funcionalismo acabou como em toda a parte e que o serviço é feito mecanicamente, bastando carregar num botão em sendo 11 horas da manhã.

Subimos então à Rotunda velha, hoje grande Praça Marquês de Pombal, cujas arterias do projecto de Forestier, architecto paisagista francês de ha 50 anos, veem abrir junto ao monumento dos mestres Couto, Santos e Bermudes, hoje repousando, gloriosos, na «Casa dos Artistas Portugueses inabilitados pela desventura». Ali se abrem quatro avenidas: Reynaldo dos Santos, Quirino da Fonseca, Matos de Sequeira e Alberto de

Sousa — amantes de Lisboa e respeitáveis patriarcas.

Finalmente, subimos ao Castelo de Monsanto, percorremos esse suburbio moderno, que é uma cidade, vimos os 38 mastros a T. S. F., admirámos a estatua do velho comandante Nunes Ribeiro e olhámos o Tejo, coalhado de navios de bandeira portuguesa, os ares cortados por cem aeroplanos de passageiros, a ponte sobre o Tejo, a Torre de Belem, sem fabricas atrás (o que só ha dois anos se conseguiu, depois da morte do preclaro financeiro Antonio Centeno, falecido com 128 anos, de uma imprevilente constipação); admirámos a silhueta do Palacio dos Fosfatos e Sulfatos da cidade do Barreiro, fundada por Alfredo da Silva, que como se sabe ainda vive e dirige a antiga «Nova Companhia dos Tabacos Quimicos Offenbach», e, enfim, vimos sair a barra um navio português, o «Cunha Leal», de 58.000 toneladas, em direcção a Angola, que acaba de emprestar à metropole 10 milhões de contos angolanos.

— Magnifique! Glorieux! — exclamava, comovido, Mr. A. de G. e A.

— E como conseguiram os senhores portugueses fazer tudo isto em menos de meio seculo?

— Ah! — respondemos com naturalidade. — Atirando um dia a politica pela borda fora.

O nosso illustre visitante parte amanhã para a Madeira, num avião «dray» — como o publico lhe chama por ter 3.ª classe — mas assiste esta noite a uma sessão de fado, cheia de pitoresco, num antigo retiro de Lisboa fora de portas, monumento nacional, e onde se cantará, por fadistas vestidos de casaca, o velho fado do Menano, arrastadinho de Coimbra, e que fez as delicias dos nossos ingenuos avós.

Lisboa, 28 de Agosto de 1973.

(Assinatura confusa).

O PACTO DE KELLOG...RAMA



MARTE — Pois sim, mas andem lá!...



Um criado veloz

Certo sujeito, morador na Praça Marquês de Pombal, gabava ás suas visitas as belas qualidades dum seu criado, notavel principalmente por ser muito diligente. As visitas queriam a todo o custo ir-se embora para não perderem o ultimo carro, mas o dono da casa, á viva força, insistia que se demorassem um instante para tomarem umas cervejas, que o criado iria buscar num momento, pondo assim á prova as suas qualidades de rapidez. Dito e feito. E o criado partiu, com a recomendação expressa de não se demorar.

Com grande pasmo das visitas, o sujeito, passados alguns instantes, começou a descrever-lhes o itinerario que o criado ia seguindo:

— Agora vai ele na rua Alexandre Herculano... Agora na rua Barata Salgueiro... Agora vai já a passar ao Tivoli... Com certeza agora já está a comprar as garrafas de cerveja na «Bijou». Pronto. Lá se vem ele embora. Já vem defronte do Tivoli... Vem agora defronte do corêto... Ele já cá está no predio... Lá está ele a abrir a porta...

Para demonstrar a veracidade das suas palavras, abriu a porta da sala, que dava para a escada, e qual não foi o espanto dos circunstantes quando viram o criado.

Era espantoso. O criado estava de volta — pensaram todos.

Tranquilamente e com o melhor dos sorrisos, o criado voltou-se para o patrão, dizendo com a maior naturalidade:

— Acabei neste instante de me arranjear. Vou agora mesmo buscar as cervejas...

A melhor solução

Num país onde se deram constantes movimentos revolucionarios, num qualquer remechido Mexico deste planeta, o titular da pasta que tinha a seu cargo a ordem publica via-se grego sem o ser para que ela fosse mantida.

E, por isso, era tambem constantemente forçado a pedir ao respectivo ministro das Finanças a abertura de varios creditos para ocorrer ás enormes despesas que a manutenção da ordem acarretava.

O estado do país era, porém, financeiramente melindroso e o titular das Finanças, que se votara de alma e coração ao equilibrio orçamental e não podia por isso simpatizar com tais pedidos, acabou certo dia por dizer:

— Reconheço que as bernardas são muitas e que para manter a ordem é preciso fazer grandes despesas; mas, meu caro colega, no estado financeiro do país, eu acho que entre uma ordem cara e uma desordem barata, devemos optar pela segunda.

C.



— Fugiu a minha mulher. Só tenho pena de que tenha levado muito pouco dinheiro e tenha de voltar breve.

SEMPRE FIXE vende-se na Povoada de Varzim, na Livraria Academica Editora.

BANHOS DE SOL

Matias á sombra

Matias de Castro, temperamento nervoso, por vezes irascivel, neurasthenizou-se a ponto de se tornar aquilo que era — um verdadeiro Matias!

Assim, empreendeu que havia de tomar banhos de sol numa praia ideal, uma praia em que ele podesse, á vontade, tisanar-se e ficar como um pele vermelha.

E, então, foi-se até ás areias da Amadora. Instalou-se discretamente, assinou o *Porcalhoten-Post*, fe-se socio dos *Recreios Desportivos*, e quando tudo levava a crêr que aquela era a praia ideal para os seus mergulhos solares, Matias arreliou-se com o *Campo d'Aviação onde um aeroplano assubiu ao ar*, e, dando o dito por não dito, pôs-se a «cavar» dali para fora, com grande pasmo dos banhistas em geral e das *misses Galvestons Juniors* em particular.

Depois... avançando mais para Oeste, foi em busca de praia banhada pelo Oceano, onde o sol fôsse caldeante. Caneças pareceu-lhe, pela sua extensão e situação, a praia sonhada, tendo a dupla vantagem de banhar-se nas afamadas aguas e bebê-las ao mesmo tempo. Alugou um burro duma lavadeira para aprender a nadar, comprou uma *chata* para passear nos tanques do Chafariz, e quando deu começo aos banhos hidraulicos e solares notou que o sol, naquelas paragens, recolhia mais cedo que o costume para além das dunas, ao mesmo tempo que das bandadas dos pinhais vinha um pronunciado cheiro a marezia.

Pela segunda vez, Matias deu ao diabo a triste ideia de procurar as praias portuguesas para o tratamento da sua enfermidade, uma vez que não lhe proporcionavam o conforto de que necessitava.

Rifou o burro, trespassou a *chata*, pois era uma grande *chaticice* ter de carregar com ela para outra praia, indenizou o banheiro, e o bom do nosso Matias desapareceu dali sem

deixar rasto da sua precipitada fuga.

— Onde páras, Matias?!

... ..
«Monsanto, tantos de tal...»

Estou aqui, desde ha dias, com 32 á sombra.

Parece-te muito? Não te admires, que para o Norte ha muitos mais...

Como vês, quando supunha tomar banhos de sol, estou aqui mas é banhado na penumbra e em suores frios, preso dum tratamento preventivo de repouso mais longo.

Foi o dr. Vi Cent, especialista em coisas do interior, que me receitou este internato, dizendo que eu seguira tratamento errado com o sol, e que, além disso, pelo abuso das aguas de mesa dos cafés, talvez que eu tivesse intoxicado pela radio-actividade subversiva dalgumas delas, por exemplo, pela do «Castelo».

Em defeza dos meus principios solares ainda argumentei com aquela quadra que começa assim:

Saudar o sol que desponta

mas responderam-me que isto eram cantigas do Alfredo Keill, e que para cá já não pegavam...

Segundo parece, e me disseram aqui alguns doentes sob o mesmo regime, é quasi certo que irei fazer uso de ares tropicais para a colonia baienar de *Santo Mé*, que é bom para caldos...

E aqui tens, meu caro *Pig-Meu*, a razão do meu «eclipse», e se até lá não fizeres uma escaladasiinha aqui a visitar-me, receberás, então, como lembrança, uma saquinha de cacau, que é peitoral e muito util applicado em velas ou pavios...

Um abraço do que jámais deixou de ser

Matias..»

Pelo relato e copia

Pig-Meu



— Dizem que o leite tem vinte milhões de microbios por litro.
— Deixa-lo. Lá em casa tudo bebe vinho.

Menina

de boas familias

D. Basalisa tinha uma filha encantadora, a Noemia. Olhos garços, boca pequenina, mãos que eram uma *invenção*, como diria o sr. Lopes Vieira, tudo o que recomendava uma beleza ela possuia. Com muitas «prendas», a Noemia tinha sempre em volta de si uma roda de requestadores. Já tinha sido dactilografa num ministerio e dizem que dos seus amôres com um chefe de secção nasceu um *miúdo*, que viu a luz do mundo sabendo já escrever á maquina...

Veio a compressão das despesas e a pobre rapariga viu-se forçada a regressar ao *rimanço* do lar e a acender todas as manhãs o lume para aquecer o café que o papásinho bebia antes de ir para a repartição, onde era amanuense provisorio do quadro transitorio do extinto Conselho de Fazenda! Era um funcionario distintissimo que só tinha o defeito de não existir *três* vezes...

A mãe Basalisa era gorda, já viuva dum conceituado comerciante da nossa praça que enriquecera a vender um preparado para pintar os cabelos brancos dos internados dos asilos. Mas, um dia, os asilados, que tinham todos pouco mais ou menos a mesma idade, encalveceram e o preparado deixou de se vender... Casou então com o amanuense, que se dizia fidalgo por ser afilhado do conde da Buraca, nobresa anti-diluviana que tinha origem em Adão!

A Noemia foi a unica filha deste consorcio feliz. Era muito inteligente, por isso todos os salões do Bêco do Quebra-Costas a desejavam, como todas as donas de casa desejam um fogareiro a petroleo...

... ..
Estamos em dia de aniversario de uma das filhas do Comendador Repenicado. A Noemia vem vestida com uma *toilette* de seda côr de alface, ornamentada com grilos em attitude de cantar.

Os convidados divertem-se com um jogo de prendas. A Noemia está na berlinda. Pergunta-se: Porque está na berlinda? Varias respostas: Porque borda á mão. Porque escreve á maquina. Porque é muito bonita.

Um dos jogadores diz:
— Está na berlinda porque gosta muito dum animal que anda quasi sempre de tromba caída.

A Noemia não atina. E' inteligente, mas falha de compreensão! O jogador esclarece:

— Então? E' um animal muito bonito, com lindos dentes...

A Noemia arrepela-se e confessa que não sabe, perguntando:

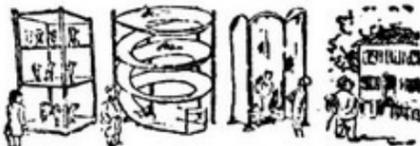
— O nome do animal começa por um *A*? Se começa, é um *alligante*.

— E'! E'! — gritaram em côro as outras meninas.

E a Noemia foi levada em triunfo pela sala e dois meses após o Rei do Sião condecorava-a com a Ordem do Elefante Branco!

João Ratão.

Arquitectura pratica



1.º — Como o mestre de baile concebe a casa moderna.

2.º — Como a concebe o desportista.

3.º — Como a mulher *coquette*.

4.º — E como as pessoas razoaveis.



— Os que quizerem mais sopa, que desçam á rua. A tia Cecilia deixou cair a terrina da janela abaixo.

BOM HUMOR

Numa exposição de pintura, junto duma tela por pintar:

A senhora: — Mas não vejo nada!
O pintor: — Justamente, minha senhora. Exponho o mundo antes da sua criação...

No café:
— Garçon. Aquela senhora já pagou o chá?
— Já, senhor.
— Então, posso avançar...

Na praia de luxo:
Ela: — Olha, que lindo colar leva aquela senhora.
O ladrão: — Deixa-me. Já te disse que estou em férias...

— Que cara tão triste, sr. Gonçalves!
— Se soubesse a dor que tenho nos pés!
— Naturalmente, é enxaqueca...

— Sua filha é muito fotogenica!
— Coitadinha! E a doença é muito grave?

A senhora, ao mendigo que foi mordido por um cão: — Para o animal lhe morder foi porque com certeza se meteu com ele.

O mendigo: — Dei-lhe um bocadinho de carne que a senhora me deu.

A primeira: — Não lh'o dizia!...

Entre miudos:
— Matei cinco moscas: duas femininas e duas masculinas.
— Como as conheceste?
— Duas estavam pousadas em cima da mesa e as outras no espelho...

Ela: — Gosta de Shakespeare?
Ela: — Não, não gosto de nenhuma qualidade de queijo...

O turista: — Qual é a coisa mais curiosa que ha neste país?
— Minha mulher. Não ha nada que não queira saber...

— Não tens vergonha de nessa idade contares ainda pelos dedos?
— Como o meu professor me disse que só devíamos contar com nós próprios...



O visitante: — E' difficil fazer estas maravilhas?

O escultor: — Não senhor. Agarra-se num bocadinho de marmore, tira-se-lhe o que sobra e pronto...

A TOQUE DE CAIXA...

Antigamente, no tempo em que a politica andava acêsa e as eleições eram sempre motivo de discordias sangrentas entre progressistas e regeneradores, a diligencia era o pão-nosso de cada dia.

Ir em diligencia representava palmar num dia os seus trinta quilometros, ao sol e á chuva, por montes e aldeias, dormindo hoje numa quinta e amanhã numa choupana, com o encargo de manter a ordem publica onde quer que ela fosse alterada.

Muitas vezes, bastava a presença da tropa para evitar conflitos. O mudo guarda a casa.

Durante essas diligencias, marchando á vontade por caminhos asperos e tortuosos, que pareciam não ter fim, o soldado era comunicativo, alegre, falador, apesar do cansaço que lhe entorpecia os musculos. Mas a verdade é que as suas conversas nem sempre obedeciam aos preceitos de boa educação do Manual de Felix Pereira. E por vezes, o oficial era obrigado a intervir, em termos asperos e sonoros, para chamar os cavaqueadores á ordem.

Fazia-se então, durante alguns momentos, um silencio pesado. Ouviam-se cantar os grilos no campo e assoiá-los os melros no arvoredo. O primeiro que falava era sempre em voz maviosa e estilo licodoco:

— Já viste aquella «braboleta» poísada no «malmiquero»?

Alguns riam. Outros esqueciam-se da admoestação e voltavam a praguejar como gente grande.

No regresso duma dessas diligencias, um soldadito bisonho observou que o caminho era mais curto de Nelas a Aveiro do que de Aveiro a Nelas. E o cabo deixou cair do alto das suas divisas este pensamento filosofico:

— Você não sabe que anda metade do mundo a enganar a outra metade?

O soldado mastigou a observação e dali a pouco vá de se lamentar:

— Mas que raio de azar o nosso, que só encontramos a metade que intruja!

Num picadeiro militar, o picador previne um dos recrutas que não se arrume á teia, porque se arrisca a partir uma tibia.

— Tu sabes o que é uma tibia?
Resposta do soldadito imberbe de cavalaria:

— Tibia é uma coisa que a gente teve e já não tem.

Durante a instrução, o oficial explica aos recrutas o papel que desempenha o extractor numa arma de fogo. A certa altura, volta-se para um e pergunta-lhe:

— Tu sabes o que é extraír, rapaz?
Resposta do mancoço, que era de boas familias e namorava uma sopeira:

— Extraír é a gente ir passear um bocadinho depois do rancho.

E' sabido que os soldados alcunham o feijão encarnado com a designação pitoresca de «feijão acelerado». Um official quiz saber a razão e dirigiu-se a um veterano:

— Porque é que vocês chamam feijão acelerado ao feijão encarnado?

— Ora essa, meu tenente: porque se come por um lado, bebe-se um copo de agua e sai logo pelo outro.

Tableau.

O LUGAR PROPRIO



— Lá está a Rosa, filha do Manuel do Jardim, que vai casar com o filho do canteiro.

— Podera; uma rosa só podia ir para um canteiro...

Elevador da Gloria

A linha de Sintra não é como a do Estoril. Falta-lhe o mar, os comboios electricos, as raparigas bonitas que entreteem os olhos do passageiro, sem perigo de sinistro imediato... Cada estação tem os seus tipos. Em Sintra embarca gente de todos os países, menos do nosso. Abundam os ingleses com cara de lagostim cosido, que procuram sempre, na carruagem, o lado do sol, para se tostarem mais e fazerem pirraça aos naturais cá da terra.

O Algueirão, que é parte fresca, na sua modestia de apeadeiro, mete pouca gente. Já o mesmo não succede nas Mercês que, além de honoríficas, dão honra ao local mas pouco proveito á C. P. O Rio de Mouro é uma lenda. Não existe rio, nem sequer ribeira. Ausencia completa de ninfas...

O Cacem é muito caçado. Tem certa importancia na linha, sendo mesmo superior a todas as outras estações porque dá saída e entrada aos comboios das Caldas. E' lá que a gente se demora, para a maquina beber agua, o que ela faz dentro do horario. A vila do Cacem deve existir certamente no mapa, mas não passa de sonho no espirito dos passageiros. Resolveu colocar-se fóra da estação, para ter comunicações rapidas...

Barcarena é fumegante e explosiva. Fabrica-se lá a polvora, que nem num barcareno descobriu, seja dito em abono do longinquo chinês que a deu á luz.

Queluz e Belas, que se casaram ha muito tempo, possuem lindos rebentos. Não ha duvida! Queluz é um astro refulgente. Até apetece dizer: *Que luz!*, quando aparece, o que é raro, alguma desgarrada beleza feminina. Belas, mesmo que lhe tirassem o s, ficava triste. Dão-se alviças a quem encontrar lá alguma beldade.

Na Amadora, que não anda a cavallo, apesar do José Pontes lá ter arranjado um Palacio de Desportos, se o comboio vem de Lisboa, fica vazio, se chega de Sintra, enche-se por completo. Começam então as conversas. Supomos que cada passageiro é celebre em qualquer coisa, na farmacia ou no emprego. Olham-nos todos com um ar de extraordinaria superioridade.

De Amadora para baixo, a linha perde todas as suas caracteristicas. E' Lisboa, sem tirar nem pôr, com muitos pombais, que dizem ser *chatelets* e *chatelets* que dizem ser solares... dos barrigas.

O comboio, salpicadinho de gente, com uma ou outra pescada marmota, pertence exclusivamente aos *amadores* da dita. Falam por todos os cotovelos, mas garante-se que usam mais de dois. Quando chegam ao tunnel, levantam-se antes de ele ter principiado. A' saída, dão-se grandes apertos de mão, combinando misteriosas passeatas em Lisboa.

Ousamos chamar para o facto a atenção das esposas rijas e das namoradas tipo cimento Portland. Isto é cá por coisas!



— Onde vaes a correr?
— Vou á casa Mantua Lda., na Calçada de S. Francisco, 35, Lisboa, comprar uma lata de TODDY que é o que eu tomo todos os dias ao almoço.

Baton

e pó de arroz

Tudo passa, tudo muda...

Onde hoje se encontra uma casa de pasto, encontrar-se há amanhã uma cabine W. C. e onde hoje vemos uma dama gentil, veremos amanhã uma velha vésaga, com as faces plisadas e lunetas na ponta do nariz. E como tudo passa, passou também o tempo em que a minha avó trazia na carteira a caixa do rapé, a linha e a agulha, e eis-me no tempo em que as damas trazem na malinha o baton e o pó de arroz.

Agora todos têm inclinação para as artes: pintura e desenho. Os rapazes da rua praticam as elementares noções de desenho nas paredes e as damas as de pintura nas suas faces.

Além do baton e do pó de arroz, deviam trazer um termómetro para tirar as temperaturas, porque devem ter muita febre... coitadas. Nos momentos mais difíceis, esquecem tudo menos aquelas diáguas.

Por exemplo: A mamã dá uma bofetada na menina por ela simpatizar com o leiteiro. Ela derrama umas lágrimas e imediatamente põe pó de arroz e baton, embora fique de trombas. Outro: Pelo Carnaval, uma dama leva uma bisnagadeira num olho e fecha imediatamente os dois olhos. Chama estúpido ao autor da proeza e, ainda de olhos fechados, aplica a receita. Mas há mais e melhor. Esta passou-se com a minha prima Fagundes. Uma noite, descontente com a chuva e a falta de dinheiro, resolvei deitar-me cedo e fui para casa. Deixei as boas noites à priminha e, depois de fumar umas pontas de cigarro, adormeci. Talvez meia hora depois, acordei sobressaltado. O meu vizinho Xavier batia com qualquer coisa para cima, enquanto as restantes vizinhas e o povo berravam como cabritos, eu, assustado, levantei-me. Corri para a janela, mas senti um rumor nas trazeiras e fui à cozinha. Com surpresa, notei que tinha desabado a chaminé e que a tijela da casa estava rachada. Havia fogo e as labaredas já aqueciam as caçarolas. Corri todas as dependências, procurando a priminha, e fui encontrá-la em calcinhas e esautien gorges, pondo pó de arroz e baton.

—Fagundes— disse eu— há fogo. Aviate que não há tempo para essas pepineiras! Ela ruborizou e, batendo o pé, respondeu-me:

—Parvo. Julgas que mandas em mim? Por haver fogo é que eu me quero arranjear convenientemente, pois bem sabes que deve vir o Procopio.

Bastante admirado, continuei:

—Para morreres assada não tenhas tanto trabalho. Quer dizer: talvez isso seja o tempero! Pó e baton deve ser colorar e pimenta.

Ela novamente bateu o pé e disse: —Rua, seu palerma. O Procopio ha de chegar a tempo de deitar a escada.

Eu, com bastante dificuldade, consegui sair e pouco depois o prédio desabou. Falei hoje com o Procopio que, bastante pesaroso, me disse:

—Pobre pequena, morreu assada e temperada, como diz você, por minha causa; mas creia, meu amigo, que eu gostava dela muito mais crua e sem tempero.

Faleceu há um mês. R. I. P. Amanhã, se Deus quiser, irei ao cemitério, levar-lhe uma caixa de pó de arroz.

Viterbo de Campos.



O antiquário — Estas porcelanas datam de 1750.

O marido — Pois em casa não duram quinze dias.

HUMORISMO ESTRANGEIRO

Wenceslao

e a matematica

Wenceslao tinha um amigo, o amigo Freixeiro, um bom galego que um dia chegou a Madrid para se matricular no liceu. Das impressões de Freixeiro, diz Wenceslao:

«Devo declarar que a maior surpresa de Freixeiro foi o trato com a Aritmetica e a Algebra. Não direi que Freixeiro desconhecesse estas palavras até então. Apenas uma consciencia estreita se atreveria a fazer esta afirmação. Mas pode-se afirmar que Freixeiro ignorava absolutamente o que se ocultava sob esses nomes, que sempre teve por arbitrarios e mesmo despreziveis.

Quando comprou os respectivos compendios, folheou-os e a presença de tantos sinais e numeros deixou-o aterrado.

— Compreendes alguma coisa disto? — disse, oferecendo-me a leitura de uma pagina aberta ao acaso.

— Não — suspirei com desalento, depois dum instante de meditação. — Não; tudo quanto ahí se diz é... é, parece-me que é, prodigioso.

Tratava-se de que A mais B é igual a C. E' possível que isto seja sabido de todos os engenheiros; mas, enfim, nós — para que negá-lo? — ficámos desconcertados.

— E' prodigioso — suspirou Freixeiro — é tão prodigioso quão inesperado.

E como Freixeiro foi sempre um enamorado do sobrenatural, entregou-se ao estudo das matematicas.

Um joven poeta nosso asseguro, dignamente, que sempre tivera as matematicas em conta de sciencias occultas e que, se o não eram, então não sabia o que seriam as três sciencias occultas. Todos concordámos que efectivamente assim devia ser.

Freixeiro entregou-se ao estudo das matematicas durante dias e noites absorventes e começou a aprendizagem.

Passado pouco tempo, já nos declarava que as matematicas eram encantadoras. Verificámos mesmo que ele estava obsecado ante os inesperados horizontes da Aritmetica.

Se alguém lhe oferecia a casa, o seu primeiro cuidado era saber se o numero da porta era primo ou não primo. Jogando o dominó, perdia o jogo procurando o maximo divisor comum das pedras.

Deixou de dizer «talvez» e «possivelmente», substituindo estas expressões por outras mais matematicas, por exemplo:

— Segundo o calculo de probabilidades, etc...

E tudo isto muito a sério, muito gravemente. A sua obsessão estendeu-se até ás pessoas. Um homem com gran-

de nariz era um 7; uma senhora gorda, um 8; a mesma em estado interessante era um 6 ou um 9; as multidões, parcelas somadas; as bengalas, virgulas de decimais; os rails da viação, paralelas indicadoras da divisão...

Um dia chegou a dizer-nos que as matematicas tinham beleza artistica.

— Beleza artistica! — exclamou o poeta, indignado. — Isso é abominavel e imperdoavel.

— Pois sim — respondeu Freixeiro — então isto de poderes imaginar o numero de litros que uma fonte jorra por mês, sabendo que num segundo deita meio litro — não vale nada?

O poeta viu-se obrigado a responder, depois de considerar o caso icongamente:

— Realmente, isso é milagroso!

No dia do seu exame, fomos animá-lo com a nossa presença.

— Senhor Freixeiro — chamou o presidente.

E lá vai o nosso amigo. Está pallido. Começou a falar de sistema metrico, em calão julgámos nós, e' cis que o presidente lhe pergunta:

— Quanto vale um grau sexagesimal?

— Está perdido! — gemeu o poeta.

— Sim — confirmei eu — está perdido. Isto é uma armadilha!

Existe realmente o grau sexagesimal? Alguem o viu ou ouviu falar nele alguma vez?

O poeta e eu tínhamos lido muitos livros e em nenhum se mencionava semelhante grau, nem mesmo nas novelas de aventuras maravilhosas. Mas, ainda que generosamente se admita a sua existencia, para que é e para que serve? Onde se encontra e como se manifesta? Só um espirito malévolo ou perturbado pode fazer uso duma brincadeira de tão mau gosto. Talvez que tivesse existido, mas noutras épocas, em épocas prehistoricas, como o diplotocou ou o mastodonte, não passando hoje dum fossil.

Pensámos tudo isto num instante. Mas eis que Freixeiro expectora:

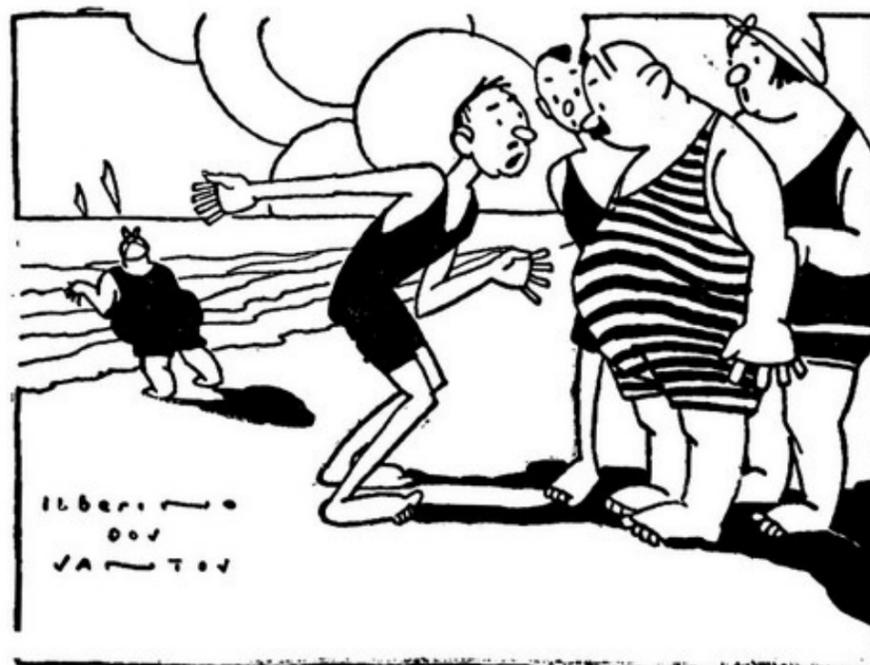
— Um grau sexagesimal é igual a um mais um dividido por dez graus centesimais.

Boa saída! O poeta e eu focámos-nos nos cotovêlos. Sim, senhor, rica partida! Agarrassem lá essa, os examinadores! Como disse ele? Como? Ah, sim: «Um mais um dividido em dez graus...»

Foi-nos preciso conter o riso! Mas a gravidade do juri convenceu-nos de que realmente aquilo era assim mesmo. E o exame de Freixeiro terminou sem novidade.

Pela tradução,

Perez la chaise.



Fujam, fujam. Minha sogra vaee entrar na agua.

— Mas que perigo ha nisso?

— Repare bem, cavalheiro, vaee haver com certeza uma chela.

Trapalhada familiar

ou uma charada a premio

Ante-ontem, no Rossio, um homem quiz suicidar-se, deitando-se a um dos lagos. Como estes não tinham agua, o homem foi salvo a muito custo e levado para a esquadra do Nacional.

Interrogado sobre os motivos que o tinham levado ao acto de desespero de querer suicidar-se num lago seco, o ex-suicida fez as seguintes sensacionais declarações:

— «Casei ha ano e meio com uma senhora viuva que tinha uma filha de dezoito anos.

«Meu pai, que vinha muitas vezes visitar-me, apaixonou-se pela filha de minha mulher e casou com ela.

«Esta maneira, meu pai tornou-se meu genro e a minha enteada ficou minha mãe porque é a mulher de meu pai.

«Algum tempo depois, minha mulher teve um filho que é cunhado de meu pai — e que é tambem meu tio, na qualidade de irmão da minha madrastra.

«Mas a minha madrastra, que é, ao mesmo tempo, minha enteada, teve tambem um petiz — que é meu irmão e meu neto.

«Estas relações de parentesco tecem-me causado as maiores preocupações e uma dor de cabeça cronica. Mas a descoberta que fiz hoje decidiu-me a pôr termo á existencia.

«Minha mulher é minha avó porque a mulher do meu pai é sua filha. Eu sou, por conseguinte, neto de minha mulher e seu marido. E, como o marido da avó dum pessoa é avó dessa mesma pessoa, conclue-se que eu sou actualmente avó de mim proprio!»

Sergio.



A familia de acrobatas que só têm um guarda-chuva.

ARTI



A tinta mais reputada para tingir todos os tecidos. A qual tingo, cores firmes e garantidas. Não desbota á luz, nem na lavagem. IMPORTANTE — Sempre que peçam a tinta ARTI, registem qualquer outra marca que lhes queiram vender, e agora lhes digam que dá o mesmo resultado, pois só a ARTI tingo assim. A' venda nas drogarias



O que se diz e o que se não deve dizer

Os jogos olimpicos no "Rotary Club,"

O sr. conde de Penha Garcia fez uma palestra no Rotary Club de Lisboa sobre os Jogos Olimpicos em Amsterdam.

Diz o *Noticias* que correu alegremente essa reunião dos Rotarios.

Acreditamos que assim tenha sido, porque, de facto, o sr. conde disse com um fino humorismo sobre a nossa participação no torneio olimpico. Dir-se-hia ate que o illustre titular se propõe substituir o dr. Pontes nas suas hilariantes conferencias quadrienais sobre os portugueses e o olimpismo.

Foi bem escolhido o Rotary Club para esta primeira communicacao publica do sr. conde. Com effeito, a assistencia a esses almoços interessa-se por tudo, desde a maneira como rodam os *rayons-lits* até á cultura dos bichos de seda. O desporto nacional ficou pois bem collocado: — como assunto interessante...

Um trecho da palestra do sr. conde de Penha Garcia:

— Tenho muito gosto em afirmar que a Holanda conseguiu realizar um quadri: admirar os mais belos jogos, assim como a nossa representacao nunca foi mais agradavel.

— Lembra-se até de ter ouvido a alguma, na tribuna do corpo diplomatico, ouvir desfilarem os nossos atletas: — *Voilà des vrais gentlemen!*

Isto é consolador

E embora o sr. conde o não tenha dito, sabemos por informacoes particulares que, na tribuna da Maratona, um grupo de alemães tambem exclamou:

— Mas que rapazes são pécegos!

Outra afirmacao interessante do sr. Penha Garcia:

— «A realizacao dos jogos mostrou que a raca portuguesa atingiu um grau de perfeicao notavel.»

Tambem é verdade. Somos todos uns homens muito perfeitos...

Mais um trecho do espirituosissimo discurso do sr. conde:

— «Na prova de hiate, umas vezes obtivemos o 7.º lugar, outras o 6.º — o que não é de admirar, dada a dificuldade entre nós dos treinos...»

Realmente... o Fejo secou e o Oceano foi para as aguas em Vidago...

E a anti-patriotica açao do sr. Carlos Pereira não permitiu sequer que

se enchesse um algar dar para um treinosinho do *Conceito*

Eis a girandola final da conferencia do sr. Penha Garcia:

— «E ainda que a açao que inspira estas afirmacoes de vitalidade da raca se transforma em verdadeiras manifestacoes de patriotismo, tal qual o principio rotario que diz que devemos interessar-nos pelos outros antes de pensarmos em nós.»

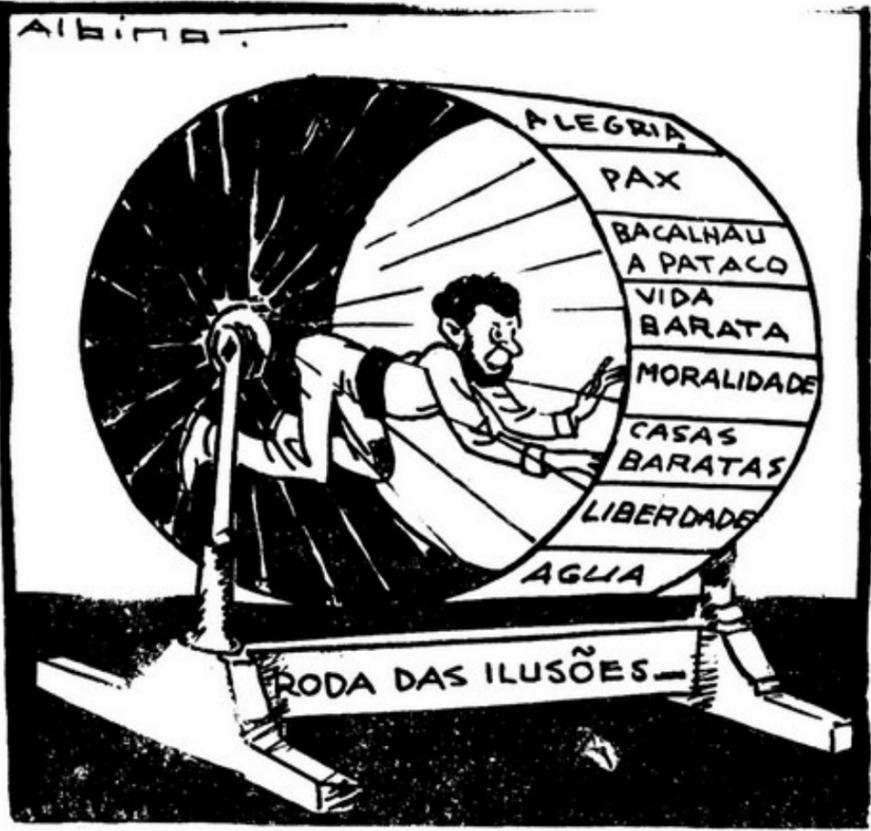
Este periodo parece nebuloso. Mas não é. De facto, nos jogos Olimpicos, temos sempre que interessar-nos pelos outros, pelos estrangeiros — cujas performances nos não permitem sequer que pensemos nos nossos...

Após o fracasso da nossa equipe de atletismo em Amsterdam, alguns jornalistas lisboetas escreveram, e com muito bom senso, que qualquer de nós obteria classificações idênticas ás dos seleccionadores portugueses. É intuitivo que qualquer pessoa consegue, com facilidade, classificar-se em ultimo lugar numa competição.

Um jornalista que é do Porto e se chama Roberto, protestou indignamente no *Comercio do Porto* contra tal afirmacao. E o patriota do Praia de Lima pergunta: — irado ou irónico? — quem são as pessoas que em Lisboa correm os 100 metros em 10 segundos e 4/5

Nós tambem podiamos perguntar se ha no Porto algum Praia de Lima que corra os 100 metros em 10 segundos e 4/5

Mas preferimos dizer ao illustre Roberto que confundiu lamentavelmente a classificacao com performance. E' o defeito de: — *ler por cima...*



O Zé Maria saiu da taberna com uma formidavel borracheira. O seu amigo Jermias, que o acompanhava, levou-o a casa onde a mulher, ao vê-lo naquelle estado, o julgou cadaver.

— Ai, Zé Maria da minha alma; em que estado vens! Já está morto, não ouve nem fala. O' senhor Jermias, parece-lho que o meu Zé Maria já tenha morrido? — perguntou a mulher afficta.

— Não acredite nisso! — diz o Jermias — Quere vê? (bate as palmas) Rapaz, tráz dois copos do branco! O Zé Maria, como se tivesse ressuscitado: — Para mim tráz do tinto.

ECO DA SEMANA

4 SENHORA

QUANDO A BÉSTA NÃO QUER SUBIR...
-VALHA-ME A SENHORA DA SERRA!!!



NUM PE'SO...

QUANDO O MARMELEIRO ESTÁ QUASI A DESABAR NA TOLA...
-VALHA-ME A SENHORA DA ATALAYA!!!



NESTA ALTURA...
-VALHA-ME A SENHORA DA AGONIA!!! E AO LEVANTAR OS OLHOS, DEPARANDO COM O CIVICO, BERRA LOGO...
-VA-LHA-ME A SENHORA DO CABO!!!



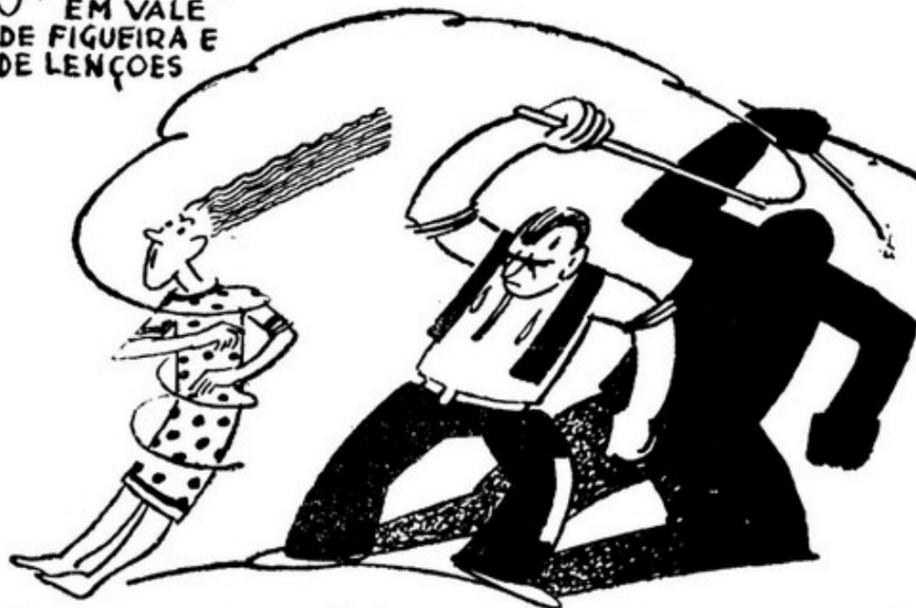
AH! PATI-FE QUE VAIS LEMBER!

UMA FAMILIA DE BICI...QUE...LATA!!!

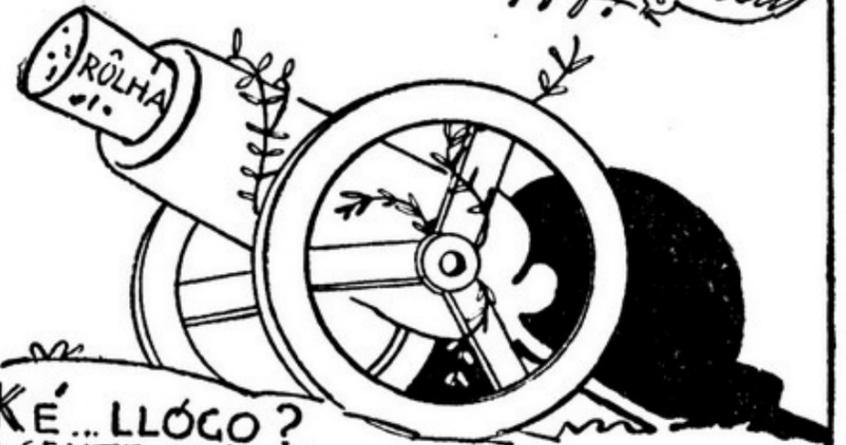


E' PRECISO LATA PARA ANDAR ASSIM EM FAMILIA. A DAR A VOLTA AO MUNDO E AS ALGIBEIRAS DO PROXIMO

OS ESPIRITOS EM VALE DE FIGUEIRA E DE LENÇOES



O PACTO DE KELLOG

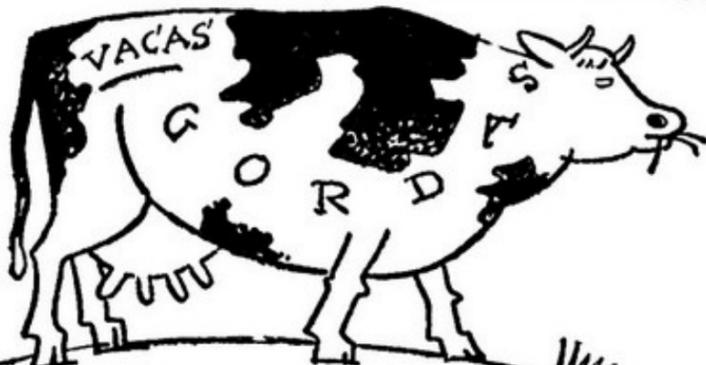


KE'... LLOGO?
A GENTE KE' JA'...

VENHA A PAZ DEPRESSA, E PARA SEMPRE.

A FINAL SE TODOS OS ESPIRITAS MANHOSOS FIZESSEM ASSIM ACABAVAM-SE AS CRENDICES...

A PROPOSITO DOS ULTIMOS DECRETOS VACARINOS (QUE MERECEM UM BRAVO!)



OXALA QUE O GOVERNO COM OS SEUS DECRETOS NOS FAÇA VOLTAR AO TEMPO DAS VACAS GORDAS...

*vai-se o luto
chora a cabeça
e com desgosto
café mugeja...*

